

Comentário do Gestor

O mês de fevereiro revelou-se um período de inquietação para os mercados globais, marcado por receios crescentes quanto a uma recessão na economia americana. A deterioração de indicadores de confiança, como os índices da Universidade de Michigan e do *Conference Board*, escancarou a fragilidade do sentimento econômico, reverberando sobre a curva de juros dos Estados Unidos, que registrou um fechamento expressivo ao longo de todos os vértices. A inconstância na formulação das tarifas comerciais e a indecisão quanto ao ajuste fiscal adensaram as nuvens da incerteza, fomentando a percepção de que a maior economia do mundo se aproxima de uma inflexão cíclica adversa. Em relação aos aliados, a postura mais assertiva dos EUA em relação à Ucrânia impulsionou um desempenho melhor dos ativos europeus, enquanto o resultado das eleições alemãs afastou partidos anti-UE da coalizão governista, favorecendo a expansão de investimentos em defesa e infraestrutura diante da crescente hostilidade russa.

A curva americana de juros fechou fevereiro em retração, com o vencimento de dois anos recuando 21 pontos-base (pb) e o de dez anos, 33 pb. O mercado de renda-fixa apresentou resultado heterogêneo: o CDS brasileiro (considerado “risco país”), ficou estável no mês, em 180 pb, e o *spread* dos títulos americanos de alto rendimento (*US High Yield*) abriu de 300 pb para 309 pb. O DXY (Dólar Index - cesta de moedas contra o dólar americano) recuou 0,7% no mês, acompanhando a crescente percepção de desaceleração da atividade econômica global. Nos mercados acionários, a aversão a risco se materializou em quedas expressivas das bolsas ao redor do mundo, com S&P 500 em recuo de 1,4%, enquanto Nasdaq caiu 4,0%, ainda com consequências do advento do *Deepseek*, e o bitcoin, em queda mais forte, recuou 17,5%. Em sintonia com o clima de instabilidade, o índice de volatilidade do S&P 500 (VIX) ascendeu de 16,43 para 19,63 ao longo do mês. No Brasil, observou-se um movimento de piora em fevereiro, com recuo de 2,6% do Ibovespa, desvalorização de 0,7% do real e abertura da curva de juros local. Para comparação, no mesmo período o peso mexicano valorizou 0,6%, e seu CDS fechou 10 pb, indo para 122 pb, e o principal índice acionário mexicano avançou 2,2%.

Nos Estados Unidos, a revisão das projeções do PIB para o primeiro trimestre de 2025, conduzida pelo Fed de Atlanta via o indicador GDPNow, evidenciou uma reviravolta abrupta. A expectativa de crescimento de 2,5% t/t anualizado no início do mês transmutou-se, em poucos dias, em uma projeção de retração de quase 2,5%, configurando uma inflexão notável no sentimento econômico. Tal reversão foi antecipada pela degradação de indicadores de confiança, como o índice

da Universidade de Michigan, que registrou 67,8 pontos na 1º parcial de fevereiro contra consenso de 71,8 pts. O índice do *Conference Board* também refletiu essa inflexão, caindo de 102,5 para 98,3 pontos, enquanto a confiança da manufatura de Dallas deteriorou-se para -8,3 pontos. A frustração também se estendeu ao consumo, com as vendas no varejo registrando retração de -0,9% m/m, muito aquém do consenso de -0,2% m/m.

No *front* inflacionário, os últimos dados indicam um cenário marginalmente pior para os preços – movimento observado apesar do fechamento da curva de juros americana que refletiu o cenário errático e incerto da condução da política comercial americana e os temores de recessão. O CPI anualizado subiu para 3,0% a/a em janeiro, ante consenso e leitura do mês anterior de 2,9% a/a. O núcleo ficou em 3,3% a/a, ante estimativa de 3,1% a/a e 3,2% a/a do mês anterior. Já o PCE, em leitura mais comportada, ficou em 2,5% a/a, e núcleo em 2,6% a/a, ambos em linha com consenso. O mercado de trabalho também dá sinais de arrefecimento, com a leitura mais recente do *ADP Employment Change* apontando a criação de apenas 77 mil vagas, bem abaixo do consenso de 140 mil. Diante desse mosaico de incertezas, o Fed opta por adotar uma postura paciente, postergando decisões sobre juros e aguardando novos desdobramentos que possam esclarecer o impacto das políticas econômicas sobre a inflação e o crescimento.

No ademais em acontecimentos internacionais, a economia chinesa mantém sua trajetória de desinflação, com o CPI rodando em 12 meses a -0,7% a/a. O agravamento da guerra comercial com os Estados Unidos ganhou novo capítulo com a imposição de tarifas de 20% do governo Trump, prontamente retaliadas por Pequim. Espera-se que uma futura reunião entre os líderes das duas nações possa, ao menos, amenizar o conflito tarifário. Em uma das frentes de disputa, a China busca fortalecer sua indústria de tecnologia, com o presidente Xi Jinping reunindo-se com CEOs de grandes empresas do setor e assegurando apoio às companhias locais, especialmente após o avanço de novos modelos de IA locais que prometem ser menos dispendiosos que os concorrentes americanos.

Outra frente geopolítica em voga é a Europa em si. A recente vitória do CDU nas eleições alemãs alterou a composição política do bloco, reforçando a percepção de coesão entre os países-membros. Esse novo alinhamento impulsionou promessas de novos investimentos em defesa e infraestrutura, consolidando um apoio incondicional à Ucrânia. Ademais, o anúncio de um projeto que propõe criação de um fundo fora do Orçamento de até € 500 bilhões gerou preocupações sobre a trajetória fiscal da região, refletindo na abertura dos rendimentos dos Bunds alemães em aproximadamente 40 pb.

No Brasil, o protagonismo do mês coube à expressiva perda de popularidade do governo, em queda livre em diferentes levantamentos de opinião. Tal dinâmica pressionou maior influência da ala mais heterodoxa da administração, que agora busca novas medidas de estímulo, como a liberação de novos recursos do FGTS, a ampliação do crédito consignado e cortes pontuais de impostos. Paralelamente, a nomeação de Gleisi Hoffman para Secretaria de Relações Institucionais (responsável pela relação com Congresso), uma pessoa conhecida por ser mais programática e menos pragmática, parece indicar um caminho tortuoso. Por outro lado, o declínio na popularidade do governo pode cristalizar perspectivas de vitória da oposição em 2026, hoje personificada pelo Governador de São Paulo, positiva para os ativos de risco locais. Além disso, em um mundo com uma nova geopolítica mais confrontacional, por razões nossas ou não, parecemos estar menos suscetíveis à eventuais sanções comerciais.

Em termos de atividade econômica local, os efeitos da elevação da taxa de juros começam a se materializar, desacelerando indicadores-chave e reforçando a percepção de que o ciclo de aperto monetário possa encerrar-se com uma taxa terminal inferior à inicialmente projetada. Tanto as vendas no varejo quanto o volume de serviços, ambos medidos pelo IBGE e relevantes, vieram abaixo do consenso. Além disso, IBC-Br, proxy do PIB calculada pelo BC, veio bem abaixo do esperado (-0,73% m/m contra estimativa de -0,40% m/m), e a leitura do PIB do 4º trimestre, apesar de positiva a 0,2% t/t (3,6% a/a), veio abaixo do consenso de 0,4% t/t (4,0% a/a). Com um IPCA estabilizado ligeiramente abaixo de 5% e um mercado cada vez mais convencido que o governo utilizará o teto da banda de tolerância como referência para a meta inflacionária, as apostas em uma taxa terminal de 16% perdem força.

Desempenho do fundo

O fundo teve rentabilidade de 1,57% no mês, ante CDI de 0,99%. Nos últimos 12 meses, a cota do fundo valorizou 11,29%, contra um CDI de 11,17%, equivalente a 101% do CDI ou CDI + 0,11%. A volatilidade para esse mesmo período foi de 2,72%. O fundo está com sua *duration* consolidada em 5,5 anos e uma carteira de *bonds* com *yield* de 7,54% em dólares. As maiores posições do fundo são: Brasil (soberano), Cosan, Minerva, República Dominicana (soberano) e Usiminas.

Salientamos que o fundo está bem posicionado para enfrentar os desafios de curto e médio prazos e que nossa gestão continua especialmente ativa, pronta para agir caso o cenário corrente se desvie de nossas expectativas.



OBJETIVO DO FUNDO

O fundo Octante Crédito Privado FIC FIM IE prevê a aplicação de no mínimo 95% do seu patrimônio líquido nas cotas do Fundo Master (Octante Crédito Privado Master FIM IE), que tem como objetivo buscar rendimentos superiores a 100% da variação do CDI no longo prazo, através do investimento em *bonds* corporativos e soberanos da América Latina, concentrado em Brasil, com proteção cambial.

HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

Retornos mensais	Fundo	CDI	%CDI
Desde o início	594,24%	310,39%	191%
Últimos 12 meses	11,29%	11,17%	101%
fev-25	1,57%	0,99%	159%
jan-25	2,04%	1,01%	202%
dez-24	-1,19%	0,93%	-
nov-24	0,77%	0,79%	97%
out-24	-0,02%	0,93%	-
set-24	1,64%	0,83%	198%
ago-24	1,87%	0,87%	215%
jul-24	1,46%	0,91%	160%
jun-24	0,32%	0,79%	41%
mai-24	1,57%	0,83%	189%
abr-24	-0,87%	0,89%	-
mar-24	1,38%	0,83%	166%

Retornos anuais	Fundo	CDI	%CDI
2025	3,65%	2,00%	182%
2024	8,74%	10,87%	80%
2023	13,35%	13,05%	102%
2022	14,54%	12,37%	118%
2021	4,34%	4,40%	99%
2020	9,20%	2,77%	332%
2019	19,12%	5,97%	320%
2018	10,12%	6,42%	158%
2017	15,70%	9,95%	158%
2016	37,90%	14,00%	271%
2015	4,25%	13,23%	32%
2014	13,98%	10,81%	129%
2013	2,79%	8,05%	35%
2012	17,40%	8,41%	207%
2011	17,15%	11,59%	148%
2010	14,38%	9,74%	148%
2009*	3,73%	4,64%	80%

*desde 17/06/2009

INFORMAÇÕES GERAIS

Investimento Mínimo	R\$ 5.000,00
Movimentação Mínima	R\$ 1.000,00
Taxa de Administração*	1,50% ao ano
Taxa de Performance	20% do que exceder 100% do CDI
Classificação Anbima	Multimercados Investimento no Exterior
Horário limite para aplicação	14:00 horas
Cota do Resgate	D+15 dias corridos
Pagamento do Resgate	D+2 da cotização
Banco	Itaú Unibanco (341)
Agência	8541
Conta	37445-3
CNPJ	09.577.092/0001-41
Favorecido	Octante Crédito Privado FIC FIM IE
Gestor	Octante Gestão de Recursos Ltda
Administrador	INTRAG
Custodiante	Banco Itaú S.A.
Auditor	PWC
ISIN	BROCTACTF005

*Taxa de administração total de 1,50% a.a., sendo 1,00% a.a. incidente sobre os investimentos no Octante Crédito Privado FIC FIM IE, acrescido de 0,50% incidente sobre os investimentos do Octante Crédito Privado FIC FIM IE no Octante Crédito Privado Master FIM IE

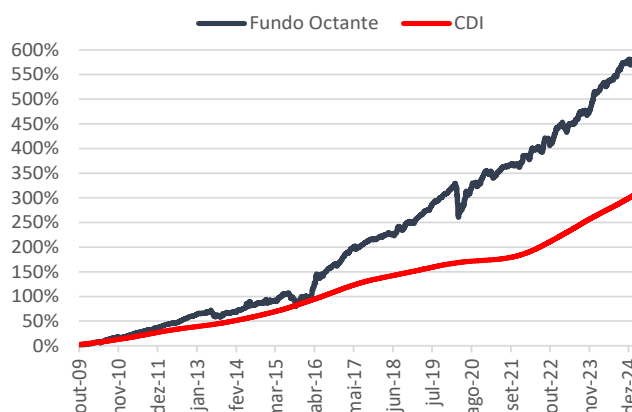
PÚBLICO ALVO

O fundo se destina a receber, exclusivamente, aplicações de investidores qualificados.

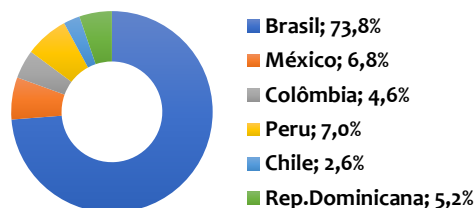
ESTATÍSTICAS DO FUNDO

% de Meses de Retorno Positivo	82,0%
% de Meses de Retorno Negativo	18,0%
Volatilidade no Mês (Anualizada)	2,52%
Volatilidade 12 Meses (Anualizada)	2,72%
Índice Sharpe 12 meses	0,14
Valor da Cota em 28 de Fevereiro de 2025	6.954,45
PL em 28 de Fevereiro de 2025	52.034.449
PL Médio (12 meses)	49.757.788
PL do Master em 28 de Fevereiro de 2025	116.602.851
Current Yield da Carteira de Bonds em USD	7,54%
Duration Média Consolidada	5,54 anos

RENTABILIDADE HISTÓRICA

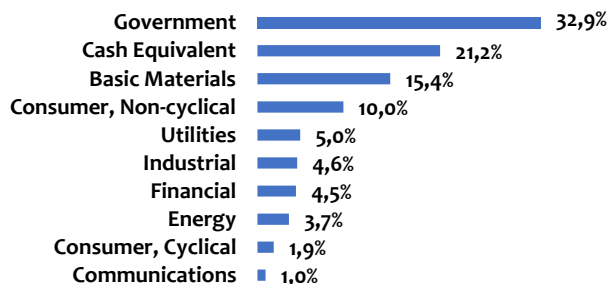


COMPOSIÇÃO POR PAÍS



Composição por país da carteira de bonds

COMPOSIÇÃO SETORIAL



As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FGC. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura e a rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial dos emissores responsáveis pelos ativos do Fundo.